

Cidade Maravilhosa? - A Revista América Brasileira E O Rio De Janeiro Às Vésperas Da Exposição Universal¹

Gisely Valentim Vaz Coelho HIME²
Centro Universitário UniFIAMFAAM - FMU, São Paulo, SP

Resumo

Preparando-se para a Exposição Universal, núcleo fundamental das comemorações ufanistas do Centenário da Independência, a sociedade brasileira discute as insipientes urbanização, industrialização e educação do País, ansiando por um projeto de Nação, norteado pelo Progresso sem perder as referências da Identidade Nacional. Sintonizando este contexto, é fundada a revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* (1922-1924). No momento em que o Rio de Janeiro, transformado em gigantesco parque de obras, prepara-se para as Olimpíadas, em meio a debates sobre a pertinência dos gastos e frutos advindos de tal evento, julgamos oportuno retomarmos período equivalente de nossa história – pela grandiosidade do evento e consequente mobilização -, para considerar avanços e lamentáveis semelhanças ao vésperas do já bicentenário da Independência.

Palavras-chave: América Brasileira; Exposição Nacional; progresso; modernização.

Quem, viajando ao redor do mundo, chegasse a conhecer uma boa parte de suas bellezas proverbias, não hesitaria um só instante sobre as cidades a que se deveria attribuir a primazia dos encantos naturaes. Os superlativos, verdade é que são supérfluos, perigosos e vingativos; mas quem disser do Rio de Janeiro que é a mais linda cidade do mundo, poderá ficar tranquillo a vida inteira, na convicção plena de que ninguém o contradirá. (...) Ninguém se preste ao emprego dos superlativos, fallando da belleza de qualquer cidade, enquanto não houver visto o Rio de Janeiro, pois poderá ficar certo de que logo que o veja não escapará a um sentimento de tristeza, na consciência de haver alcançado o ápice, a finalidade ultima de todas as suas experiências e impressões e nunca mais poder apreciar cousa tão magnífica. Póde-se ir além: a primazia do Rio de Janeiro entre as cidades está na sua afinidade com os mais esplendidos panoramas naturaes e justamente nesta afinidade se baseia tal primazia, em toda a sua extensão e significação. Seria talvez mais justo e mais próprio que ao fallar das maiores e mais inesquecíveis bellezas do mundo, contar o Rio de Janeiro não na ordem das cidades, mas entre taes maravilhas da natureza (...). Quem (...) comprehenda a paisagem em geral, e em sua imaginação não saiba separar de uma rua a sua perspectiva, quem tenha percepção para sentir todo o traço de vulgaridade que seja ornado por detalhes interessantes, nada banaes, quem saiba viver na alma de uma cidade e na sua harmonia com as características especiaes que constituem o que chamamos “o exótico”, há de encontrar no Rio de Janeiro muito mais do que esperava de uma simples cidade, e muito mais de uma

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Mestrado em Jornalismo do UniFIAMFAAM e coordenadora da Área de Comunicação Social do Centro de Pós Graduação da FMU, email: giselyhime@uol.com.br

cidade contando um milhão de habitantes (AMERICA BRASILEIRA, 1922-9/12: 14).

Estas são as impressões do escritor Jan Haviasa, ministro da Tchecoslováquia, ao visitar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, então sede da Exposição Universal, importante evento internacional, em meio ao qual se deram os festejos pelo Centenário da Independência Brasileira. Foram organizadas por ele próprio em artigo para a edição comemorativa da revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* para a efeméride. Ora, a Exposição Universal – ou, como também é conhecida, Exposição Internacional ou Exposição Mundial – é um dos maiores eventos promovidos em circuito mundial, ao lado da Copa do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos. Tem por objetivo apresentar o que há de mais moderno em tecnologia nos mais diversos campos. Promovido desde 1851, por iniciativa do príncipe Albert, esposo da rainha Vitória, à época soberana do Reino Unido, com a intenção de reunir pioneiramente, em uma feira internacional, produtos manufaturados, não tem periodicidade definida para acontecer. O Brasil a sediou uma única vez: em 1922, por ocasião dos festejos pelo centenário da Independência³. Rio de Janeiro, então capital federal, foi a cidade escolhida. A Exposição foi inaugurada justamente em 7 de setembro daquele ano e encerrada a 23 de março de 1923. Trata-se da primeira edição da Exposição após a Grande Guerra e, ao se propor a sediá-la, o governo brasileiro tem por objetivo mostrar-se ao mundo como uma nação rumo ao progresso. Daí a radical intervenção urbana imposta ao Rio, cujo símbolo maior foi o desmanche do Morro do Castelo - sítio histórico onde a cidade começou a se devolver após a expulsão dos franceses pelos portugueses -, dando origem à esplanada do Castelo, onde foram instalados os pavilhões construídos para a Exposição.

Na comemoração dos 450 anos da cidade, transformada em enorme canteiro de obras para receber os Jogos Olímpicos, consideramos oportuno nos debruçarmos sobre a revista *América Brasileira* que, em edição especial durante a Exposição Universal, traz inúmeros artigos, além do assinado por Haviasa, revelando-nos, por um lado, a fascinação dos estrangeiros perante um cenário de maravilhas naturais, incomum nas metrópoles, em geral associado a recantos inexplorados; mas, concomitantemente, por outro, a ansiedade da elite brasileira para que a então capital do País abandone o rótulo do exotismo dos trópicos para assumir lugar de moderna urbe. Que cidade a revista nos revela? Com que modelo de

³ A cidade de São Paulo candidatou-se para a Exposição Universal a ser realizada em 2020, mas teve a candidatura rejeitada. Dubai foi a escolhida: será a primeira cidade do Oriente a receber a feira.

modernidade se trabalha no despertar do século XX? A exemplo do que se observa hoje, muitos projetos concebidos para o Rio, em função do grande evento, não se concretizaram ou foram concluídos com atraso – como o Hotel Copacabana Palace, beneficiado por financiamento ligado ao planejamento para a Feira, para suprir as momentâneas deficiências do setor hoteleiro, mas finalizado apenas após o término da Exposição! Quais as diferenças em relação à imagem do Rio de Janeiro que hoje os estrangeiros contemplam e amanhã contemplarão, nas Olimpíadas? São algumas das reflexões que a publicação propicia. Valei-nos, São Sebastião, nesta jornada!

Um Projeto Editorial Voltado Para A Modernidade

Ricardo Seitenfus considera os primeiros quarenta anos do regime republicano brasileiro como um período de evolução geral, social e econômica, atestado por alguns fatores, entre os quais:

1. o crescimento demográfico, acompanhado de um sensível impulso urbano;
2. a franca industrialização: em 1907, o País registra apenas 3.258 estabelecimentos industriais, que empregam cerca de 150 mil operários. Em 1920, esse número se eleva a mais de 13 mil estabelecimentos, com 275,5 mil pessoas empregadas (CARDOSO, 1984, v. VIII:20);
3. o aparecimento da classe operária, consequência dos processos de industrialização e urbanização;
4. o movimento de ideias, no qual se insere a Semana de Arte Moderna, marco do rompimento da intelectualidade brasileira com uma cultura importada. A intelectualidade brasileira volta-se para a realidade nacional, originando o nacionalismo cultural (SEITENFUS, 1985:3).

Ao festejar o centenário da Independência, contudo, o Brasil vive um sério conflito político, marcado pela crise do pacto oligárquico que sustentara as primeiras décadas do Governo Republicano. Apesar dos quase cem anos que nos separam desta data, as similaridades são muitas. Observe-se que o País estava longe da modernidade almejada e a industrialização não avançara como o planejado, apesar do discurso ufanista da Exposição Internacional Comemorativa, instalada no Rio de Janeiro, de setembro a dezembro, que mobilizou vultuosos investimentos, ignorando a crise econômica. O debate sobre a Identidade Nacional marca tanto a disputada sucessão presidencial, quanto movimentos culturais como o Modernismo, que inspira a Semana de Arte Moderna.

Mas, por que esta publicação e não outra, como um jornal diário ou uma revista ilustrada? Em primeiro lugar, a revista *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional* reflete a mentalidade de uma parte significativa da intelectualidade brasileira no período. Fundada em 1922 pelo escritor Elysio de Carvalho (1880-1925), com o objetivo de ser “uma grande revista de cultura e informação geral ao alcance de toda gente” (AMÉRICA BRASILEIRA, 1922: n.p.), traz, no cabeçalho, um elenco de temáticas: crítica e estudo dos problemas nacionais; defesa militar e econômica; resenha da vida internacional; e síntese das possibilidades e realizações brasileiras. Sintoniza a mentalidade da época, propondo-se a refletir sobre a Identidade Nacional e, conseqüentemente, sobre o espaço ocupado pelo Brasil na América Latina, assim como sobre o projeto de País, enquanto Nação que busca se posicionar como liderança nas Américas.

A qualidade da publicação também justifica a escolha. Inúmeros intelectuais e escritores de renome colaboram com o periódico, entre eles, Graça Aranha, Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade – que nele publica suas *Crônicas de Malazarte*, entre 1923 e 1924⁴ -, Paulo Prado, Tasso da Silveira, Ronald de Carvalho, Oliveira Vianna, Rocha Pombo, além de Rufino Blanco Fombona⁵ e António Sardinha⁶. A publicação traz poucas ilustrações, mas produzidas por artistas plásticos e gráficos como os portugueses Jorge Nicholson Moore Barradas (1894-1971) e Fernando Correia Dias de Araújo (1896-1935), e os brasileiros Zina Aita (1900-1967) e Emiliano Di Cavalcanti (1897-1976), ambos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, sendo o último responsável pela maioria das capas, revezando-se com Correia Dias.

Um projeto de Nação, com ênfase na modernização e no nacionalismo, é o denominador comum dos artigos e notas sobre política, economia, artes e cultura,

⁴ Segundo Wilson José Flores Jr., no artigo *Belazarte e os engodos da modernização brasileira: leitura da crônica O Diabo, de Mário de Andrade*, “entre 1923 e 1924, Mário de Andrade publicou mensalmente na revista *América Brasileira* uma série de oito crônicas e dois contos a qual chamou de “Crônicas de Malazarte”. Nelas o autor registrava fatos da história do movimento modernista, discutindo as principais questões que norteavam os debates da época. Fundamentalmente voltadas à polêmica, as crônicas expressavam debates fictícios entre três personagens: o cronista, Malazarte e Belazarte, além de Graça Aranha, presença constante, mas passiva (FLORES JR., 2011).

⁵ Rufino Blanco Fombona foi um importante escritor e político venezuelano do final do século XIX e começo do XX. Nascido em Caracas, a 17 de junho de 1874, faleceu em Buenos Aires, Argentina, a 16 de outubro de 1944. Exerceu diversos cargos diplomáticos, entre os quais, cônsul da Venezuela, na Filadélfia, EUA (1892-1895); cônsul de Santo Domingo, em Boston, EUA (1899); cônsul da Venezuela, em Amsterdã, Holanda (1901-1904). Preso diversas vezes por exercer oposição ao governo vigente, em 1910, é enviado ao exílio, na Europa, onde permanecerá até 1936. Nesse período, contudo, também ocupará cargos diplomáticos a serviço do Paraguai, atuando como cônsul em Toulouse (1918-1925) e Lyon (1927), ambas na França, e em Lérida, Espanha (1928-1932).

⁶ António Maria de Sousa Sardinha foi um importante escritor, historiador e político português, em fins do século XIX e início do XX. Nascido em Monforte, a 9 de setembro de 1887, faleceu prematuramente aos 37 anos, em Elvas, a 10 de janeiro de 1925. Como ensaísta, tornou-se uma das principais referências do Integralismo Lusitano, inclusive para a resistência ao Salazarismo, anos após sua morte. Defendia a união entre os povos ibéricos e hispânicos por meio da Aliança Peninsular que deveria unir Portugal e Espanha, constituindo uma ampla comunidade dos povos lusófonos e hispanófonos.

publicados nas 36 edições da revista, entre 1922 e 1924, no Rio de Janeiro. O pensamento de Elysio de Carvalho impõe-se no tratamento editorial. Segundo Piazza,

O que movia Elysio de Carvalho era um “nacionalismo militante” calcado num profundo conhecimento da realidade brasileira, poder-se-ia dizer, que inspirado em Alberto Torres de *A Organização Nacional* (1914) e de *O Problema Nacional Brasileiro* (1914). Daí a obra que publicou em 1922, no ano do centenário da Independência do Brasil, sob o título *Os bastiões da nacionalidade* (PIAZZA, 2007:43).

E continua

Pode ser considerado um precursor de projetos de modernização para o país, como o da interiorização do Brasil – em *O fator geográfico na política brasileira* (1921) levado a cabo no governo Vargas com a *Marcha para o Oeste*, em 1938, e defensor ardoroso da siderurgia nacional – em *Brasil, potência mundial* (1919) – fortalecida com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1942 (PIAZZA, 2007:43).

O fato é que, no VII Congresso Nacional de Geografia, realizado na Paraíba, em julho de 1922, foi conferido

um voto de louvor aos brilhantes intelectuaes patricios Elysio de Carvalho e Monteiro Lobato, pela orientação nacionalista que vêm dando à *América Brasileira* e à *Revista do Brasil*, de que são diretores, estampando artigos sobre a nossa actualidade política e sérios estudos sobre o passado, o nosso presente e o nosso papel no futuro (AMERICA BRASILEIRA, 1922-7: 16).

Propomo-nos, pois, a considerar, por meio desse periódico, como a cidade do Rio de Janeiro se apresenta no imaginário brasileiro, no momento em que se discute a imprescindível modernização do País, refletindo-se sobre a Identidade Nacional dessa jovem Nação que comemora o centenário da Independência e ensaia os primeiros passos na República.

Em geral, as edições tem cerca de 35 páginas, com exceção do especial de comemoração do Centenário da Independência, que reuniu os números de 9 a 12, saindo somente em dezembro de 1922, com 96 páginas. São poucas seções - Comentários, Ecos e Notícias, Pequenas Notas e Autores & Livros, diferenciadas não pelos temas tratados, mas pelo tamanho dos textos: Comentários traz reflexões de tamanho mediano, cerca de uma coluna e meia; Ecos e Notícias reúne alguns comentários a respeito de um fato, em aproximadamente 20 linhas; Pequenas Notas traz brevíssimos comentários de dez linhas, sem título; e Autores & Livros, como o próprio nome indica, resenhas de obras. No mais, preponderam artigos.

Como observamos em nossa dissertação de Mestrado, quando refletimos sobre a modernidade no projeto jornalístico de Cásper Líbero, a grande maioria das publicações do

início do século XX apresenta uma pauta comum em torno das seguintes temáticas:

- a elevação do Brasil à condição de potência de primeira grandeza;
- a organização do mercado de trabalho e o solucionamento da questão social;
- a implantação de um projeto político pedagógico que pressupõe a educação como força capaz de reformar a sociedade;
- o relacionamento com os Estados Unidos;
- o regionalismo dos Estados;
- o centralismo e a autonomia dos Estados;
- a superação do atraso e a equiparação do Brasil aos países economicamente mais desenvolvidos;
- a modernidade (HIME, 1997: 101),

além da valorização do nacionalismo. A *América* não foge à regra, com um diferencial: como observam Piazza e Lemos, no periódico, a Identidade Nacional passa necessariamente pela relação com Portugal:

No afã de resgatar as raízes ibéricas, o editor Elysio de Carvalho (...) imprimiu dupla face ao periódico: uma vertente ligada à ex-metrópole ibérica – Portugal – e outra que visava valorizar a produção literária da América espanhola, não olvidando a tradição ibérica. Daí o papel singular que conferiu à *América Brasileira* no contexto ibero-americano (PIAZZA & LEMOS, 2008: 164).

Na verdade, revela-se aqui a pauta de debates dos políticos, intelectuais e empresários brasileiros, na construção de um projeto de Nação Moderna. Mas, sobre qual conceito de modernidade se assenta tal discussão? Consideramos apropriada a consideração de Velloso sobre a questão:

(...) trabalho com a ideia de uma cultura do modernismo, entendida como conjunto de modificações que ocorreram nos padrões de comportamento e de percepção social no período que se estende de 1880 até meados da Primeira Guerra Mundial (KARL, 1988, apud VELLOSO, 1995:270).

Padrões de comportamento e de percepção que se alinham a uma nova ordem social, política e econômica mundial na transição do século XIX para o XX.

Cidade da Morte Ou Cidade Maravilhosa?

Uma das principais referências da modernização urbana do Rio de Janeiro é o projeto empreendido por Francisco Pereira Passos, quando prefeito da cidade, entre 1902 e 1906, como denota o comentário sobre a homenagem a ele prestada em 1922:

A homenagem que o Rio de Janeiro vai prestar a Pereira Passos, que a transformou de grande aldeia numa cidade admirável, não é somente uma dívida de gratidão, mas o testemunho da nossa força construtora que, nelle, teve uma das suas mais integraes afirmações. O prefeito Carlos Sampaio (...) expressou muito bem a obra

grandiosa de Pereira Passos, afirmando que na suprema direcção da Capital da República, “não engrandeceu apenas o seu nome, já então fulgurante, mas as tradições da engenharia brasileira, posta a serviço das mais oportunas e grandiosas realizações. Prefeito, o grande patricio foi um inovador incomparável, cujas arrojadas iniciativas encheram de esplendor o seu quadriênio administrativo e dotaram a cidade de estupendos melhoramentos que a fizeram progredir vertiginosamente” (AMERICA BRASILEIRA, 1922-8: 16).

Segundo o historiador André Nunes de Azevedo, a modernização da cidade do Rio de Janeiro passa necessariamente por dois projetos fundamentalmente distintos, empreendidos no início do século XX: um, subordinado ao Governo Federal e planejado pelo ministro da Indústria, Comércio e Viação, Lauro Müller, e pelo engenheiro Francisco Bicalho, outro, conduzido pelo prefeito Francisco Pereira Passos. Ambos

resultaram da iniciativa do então Presidente da República Rodrigues Alves que, desde o seu discurso de posse, anunciara uma grande ação de reformulação urbana sob o pretexto de melhorar a imagem, a sanidade e a economia da capital federal, a fim de facilitar a imigração de estrangeiros ao Brasil, causa momentosa da lavoura cafeeicultora paulista, em crise de mão-de-obra desde a abolição da escravidão (AZEVEDO, 2003:41).

Para o presidente, a modernização do porto era fundamental, também em função do alto movimento de importação de mercadorias industrializadas e para o incremento da agro-exportação. Por isso, era o centro do projeto. Porém, tratou-se de uma ampla intervenção urbana, tanto na região central e portuária, mas, sobretudo, na estrutura viária, favorecendo a circulação do centro para o subúrbio, como também para os bairros do Flamengo, Botafogo e Copacabana. A estrutura viária foi reordenada a partir de cinco operações: 1. desafogando o tráfico entre o centro e os bairros da zona sul; 2. ligando o litoral da região central e os bairros da zona norte, na confluência das diversas rotas para o subúrbio; 3. ligando o litoral da região central à região oeste; 4. ligando a região portuária ao centro da cidade, quebrando o isolamento da Saúde e Gamboa por uma cadeia de morros; 5. articulando a região sul com a oeste.

Azevedo ressalta que a nova estrutura viária “apresentou toda uma significação do progresso material como propiciador da civilização (AZEVEDO, 2003:48)”: com uma infraestrutura técnica extremamente desenvolvida para a época, previa cabos de luz, fios de telefone e tubos de gás subterrâneos: “era a representação máxima do progresso material brasileiro (IDEM, IBIDEM)”.

Por sua vez, Pereira Passos, fortemente influenciado pelo projeto do Barão Haussmann, entre 1853 e 1870, que acompanhou de perto, em seus estudos em Paris, valoriza a revisão das condições de salubridade, atuando em parceria com o médico

Oswaldo Cruz, diretor do Serviço de Saúde Pública. Dos resultados satisfatórios dessa parceria, gradativamente o Rio de Janeiro abandonou o epíteto de Cidade da Morte – ou Porto da Morte, como era conhecido pelos marinheiros, em decorrência da proliferação da febre amarela e do tifo -, para adotar o de Cidade Maravilhosa.

Segundo Azevedo, além de se fundamentar em uma concepção organicista, o projeto também o era culturalista, ou seja, ao mesmo tempo em que atendia as demandas de infraestrutura, valorizava a tradição daquele espaço urbano. Nele, o progresso material subordinava-se ao ideal de construção civilizatória. Curioso observar que Pereira Passos era terminantemente contra ao arrasamento do Morro do Castelo, ícone da modernização urbana efetuada para a Exposição. Já em 1876, àqueles que o preconizavam sob o pretexto de favorecer a circulação de ar, evitando a “concentração de miasmas” no centro da cidade, Passos retorque com a proposta de abertura de duas avenidas – uma, do Cais Pharoux ao Morro de Santo Antônio, e outra, do Largo da Prainha à Praia de Santa Luzia, antecipando o traçado de parte da Avenida Central -, que favoreceriam a captação das brisas oceânicas. Como prefeito, novamente pressionado, durante as obras de reurbanização, fez valer a opção pela Avenida Central, considerando a importância histórica do Morro do Castelo, sítio da segunda fundação da cidade.

Em meio ao debate sobre a modernização da cidade, despontam as críticas sobre a deficiente infraestrutura. Entre os aspectos comentados estão a acanhada rede hoteleira e o precário sistema de abastecimento. Diante de uma previsão de cerca de 200 mil visitantes, distribuídos em cerca de seis meses de duração do evento, o articulista denuncia: “O Rio atravessa uma crise premente de habitações e tem todos os seus hotéis e pensões, em tempos normaes, repletos, não sendo razoável fiar nessa capacidade, para a hospedagem dos visitantes da Exposição do Centenário (AMERICA BRASILEIRA, 1922-6: 17)”. Ora, em se tratando da capital do País, é uma deficiência extremamente grave. Em 1922, apenas três novos hotéis foram construídos: o do Morro da Viúva – que não mais existe -, o Hotel Glória, que viria a se tornar um dos mais glamorosos da cidade, curiosamente aniquilado por um projeto de reformulação para a Copa do Mundo de 2014 e o não menos glamoroso Copacabana Palace, que não ficaria pronto a tempo para a grande feira.

O nosso defeito é deixar correr o tempo, para improvisar à última hora. Este foi o caso do Centenário. Há annos que a imprensa reclama ao Governo o estudo dos seus problemas e, só nos últimos mezes, nos decidimos a trabalhar, febrilmente, noite e dia para concluir aquillo que, calmamente, poderia ter sido feito. Para mal de nós, ainda não desapareceu de todo, a possibilidade de um insucesso e queira Deus possamos removê-la para firmeza de nossos créditos (AMERICA BRASILEIRA, 1922-6: 17).

Campanha Em Favor da Educação

Se, por um lado, enaltecem o remodelamento urbano, às vésperas do Centenário, ainda que as obras estejam visivelmente atrasadas em relação à Exposição Universal, por outro, os artigos cobram a mesma presteza do Governo pelo urgente remodelamento do sistema educacional fluminense.

As acusações são veementes: “Os nossos administradores municipaes, se quisessem, propositadamente, mostrar o seu descaso no tocante às questões pedagógicas, não poderiam dar melhores atestados de incúria e incapacidade que esses que nos deparam (AMERICA BRASILEIRA, 1922-5: 11)”. Trata-se aqui de empréstimo vultoso obtido junto a bancos estrangeiros e, até o momento, não empregado na melhoria do ensino primário, no momento em que escrevemos, denominado Fundamental I. Apesar da mudança de nomenclatura, aliás, frequente no setor, os problemas permanecem sem solução até hoje. Identificam-se: frequência exígua, sobretudo, em comparação com o crescimento da população, falta de professores, escassez de escolas, infraestrutura precária:

Certos districtos apresentam o triste phenomeno de não terem uma só escola com matrícula aberta, sendo que, na maioria dos outros, a lotação dos alunos é excedida de muito, creando, assim, sérios embaraços no tocante às questões de hygiene e moralidade (IDEM, IBIDEM).

As denúncias são contundentes:

Que faz o Prefeito? Ao invés de abrir, manda fechar escolas, adquire prédios inadaptaveis a fins pedagógicos (...). A pretexto de ser preciso consertar os prédios velhos e revelhos, ordena a interrupção das aulas, como acontece, agora, com a escola da Muda da Tijuca (...). Ficam, pois, sem instrução todas as crianças que ali a recebiam, porquanto, só muito longe, na Estrada Velha da Tijuca, poderiam encontrar matrícula neste ano (IDEM, IBIDEM).

E se contrapõem ao avanço das obras de reurbanização: “Emquanto isso, as obras da Avenida Atlântica sugam, subrepticamente, o ouro das arcas municipaes; enquanto isso, continuam as explorações dos aterros do Morro do Castello e da Lagôa Rodrigo de Freitas (IDEM, IBIDEM)”. O autor indigna-se: “Será crível que no anno em que comemoramos o primeiro Centenário da Independência, ainda suportemos uma administração que prefere dar margem aos pequenos escândalos de imprensa, a abrir escolas para nosso filhos? (IDEM, IBIDEM)”.

Em seus estudos sobre a Imprensa Paulista nos anos 1920, Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato sublinham, no debate sobre o progresso do Brasil, a Educação como fundamental na pauta dos investimentos: “é através da educação que as 'elites' se formam

para desempenhar, não apenas o papel de dirigentes na política como também o de modeladores das consciências. Nesse sentido, a educação adquire um significado bem mais amplo - o de conhecimento, o de saber (MOTA & CAPELATO, 1980:85).

Nessa perspectiva, Mario Pinto Serva⁷ (AMERICA BRASILEIRA, 1922-6:1) compara os países europeus:

Os países fortes da Europa são os do norte, em que o analfabetismo é insignificante. Os fracos são os do sul, em que o analfabetismo é considerável, como em Portugal, por exemplo, onde há 68% de analfabetos no total da população, e a Espanha, onde era de 58% o analfabetismo (IDEM, IBIDEM).

E ressalta o desenvolvimento dos Estados Unidos, onde haveria apenas 7% de analfabetos no total da população. Em segundo lugar, nas Américas, mas a grande distância, estaria a Argentina, com índice de cerca de 50%. Por sua vez, o Brasil contaria a marca avassaladora de 80%. Serva defende o rompimento com o analfabetismo como alicerce para a viabilização de uma nação moderna, democrática e economicamente forte. Por isso, é taxativo: “Nisso está o segredo de (...) todas as nações infelizes. Poucas nações dedicam toda sua energia à educação do povo. As que o fizeram são hoje as mais poderosas e ricas. Porque a educação é a solução de todos os problemas para o indivíduo e para a Nação (IDEM, IBIDEM)”.

Mudança De Hábitos Na Relação Com O Espaço Público

As impressões do escritor Jan Haviaasa, reproduzidas no início deste artigo, e que refletem o encantamento dos estrangeiros ao contemplar o Rio de Janeiro, são retomadas sob outra ótica no artigo *Tourismo*, publicado pela revista meses antes. “as condições essenciais do paiz, a variedade de seus aspectos naturaes, o pitoresco das excursões, tudo enfim aconselha o desenvolvimento desse desporto (AMERICA BRASILEIRA, 1922-8: 19)”. Curioso perceber como o autor antecipa debate tão atual sobre a necessária organização da atividade no Brasil, sendo o País tão favorecido em suas características naturais. Evidente não encontrarmos aqui o planejamento de uma indústria do turismo, considerando-se o nível de desenvolvimento socioeconômico à época. Defende-se, porém, a organização da atividade como clubes e a assimilação desta prática cultural, já comum em outras nações. Nessa perspectiva, a atividade é enquadrada como esportiva – “esse

⁷Mario Pinto Serva (1881-1962) foi jornalista e político brasileiro. Fundou a Liga Nacionalista, o Partido Democrático e também o Partido Constitucionalista. Foi Deputado Constituinte em 1934, sendo autor das Leis do Voto Secreto e da Alfabetização Obrigatória. Entre as diversas obras escritas, *A Pátria Nova* (1922) e *A Educação Nacional* (1924) são referenciais para o entendimento de sua tese a respeito da educação para o fortalecimento da democracia e, consequentemente, da modernização do Brasil.

deporto”! -, introduzindo-se inclusive a comparação com a demora na organização de clubes esportivos em relação a outros países: “Infelizmente, no Brasil, o espírito associativo é o mais rudimentar possível. Só, ultimamente, os *clubs* desportivos (sobretudo os de *football*) vieram estabelecer a primeira exceção (IDEM, IBIDEM)”.

Nesse momento de grande movimentação de turistas - brasileiros e estrangeiros – a preocupação com o incremento do setor, no País, é não só extremamente pertinente, como também signo do intuito de alinhar o Brasil com a modernidade. “Aqui ainda não sabemos nos divertir. Vivemos muito sós, metidos em casa, ou perambulando a esmo pelas ruas. A própria vida de sociedade é muito pequena e escassas as recepções e as festas (IDEM, IBIDEM)”, reclama o autor, rechaçando a atitude provinciana. Justifica: “Dahi, a dificuldade de estabelecer associações como as de turismo, em que o triunfo depende da contribuição de muitos e não da tenacidade de dois ou três abnegados (IDEM, IBIDEM)”. E valoriza: “Que o Touriste Club (...) contenha o germe de uma futura associação tourista de grandes moldes (...) (IDEM, IBIDEM)”.

Curioso observar que, um dos principais ícones turísticos não apenas do Rio de Janeiro mas do Brasil, o Cristo Redentor, suscitou polêmica na sociedade, acompanhada por inflamado artigo na *América Brasileira*. Em março de 1922, é encaminhada ao presidente da República, pelas senhoras católicas, petição com 30 mil assinaturas, solicitando a revogação do ato do Ministro da Fazenda, Homero Baptista, que negara autorização para ser erigida, no alto do Corcovado, estátua de Cristo, “com que os cathólicos do paiz pretendem comemorar a grande data do centenário da nossa independência como um ex-voto pela crescente grandeza e prosperidade do Brasil (AMERICA BRASILEIRA, 1922-4: 21)”. Para a negativa, o Ministro invocara a Constituição, alegando liberdade de culto, sem preferencia para quaisquer deles. O articulista, porém, invalida o argumento, ressaltando que, invariavelmente, a interpretação da lei teria apontado para “não estabelecer o dogma oficial com ou sem exclusivismo para as demais crenças, e nunca impedir manifestações do espírito nacional, que é, na sua maioria absoluta, cathólico, tornando o Brasil a terceira maior nação cathólica do mundo (AMERICA BRASILEIRA, 1922-4: 21)”. Ressalta que, segundo a Lei Magna, ao contrário do que afirmara o Ministro, o Estado reconhece todas as religiões, tão somente não optando por praticar nenhuma delas. Desse modo, não caberia ao Governo cercear o exercício de qualquer religião em detrimento das demais. Outrossim, não se trataria aqui de prática de culto, mas da ereção de “uma estátua que tanto pode ser considerada um vulto predestinado da Humanidade como um symbolo religioso (IDEM,

IBIDEM)”. E questiona: “Onde a lei violada? (IDEM, IBIDEM)”, para logo levantar novo argumento, revertendo a situação. No seu entender, o preconceito religioso se daria por parte do Ministro, em função de “suas crenças pessoais e do partido político em que milita ou militou (IDEM, IBIDEM)”. Cabe aqui observar que Homero Baptista foi uma das lideranças do Partido Republicano Gaúcho, de forte vinculação com o Positivismo, doutrina filosófica, sociológica e política, criada por Auguste Comte, em meados do século XIX, na França. A partir de sua doutrina, Comte fundou uma nova religião – a Religião da Humanidade -, considerando que todas as demais estariam ultrapassadas. Observa-se, pois, a velada acusação de que, na verdade, o Ministro se oporia à estátua de Cristo, em função de suas próprias convicções religiosas e não por quaisquer outros motivos.

Na edição comemorativa da revista, que marcou o início da Exposição, novo artigo celebra o lançamento da pedra fundamental do monumento, enfatizando que “a estátua grandiosa será um symbolo, mesmo para os que só vêm em Christo a maior e mais benéfica influência sobre o mundo (AMERICA BRASILEIRA, 1922-9-12: 88)”. Enfatiza, porém, também a importância como símbolo religioso, pois “será um precioso ex-voto que levantam ao Senhor dos homens, pedindo bênçãos sobre a terra de Santa Cruz e agradecendo as mercês que lhe tem prodigalizado (IDEM, IBIDEM)”. A alfinetada contra os opositores ao monumento fica para o final: “Saibamos criar o Brasil e torna-lo grande, dentro da civilização christã, não erigindo estátuas aos deuses de força, mas adorando o Deus de bondade, que nos protege (IDEM, IBIDEM)”. Ressalte-se que a Igreja Positivista exalta como santos figuras históricas, eleitas como os grandes tipos humanos, entre os quais César, representando a Civilização Militar.

Considerações Finais

Capital de um País que se debate vigorosamente na tentativa de construção de uma Identidade Nacional, que embale as comemorações do Centenário da Independência, o Rio de Janeiro desfigurado pelas obras inacabadas, carente de escolas e de habitação, porém, dotado de vias amplas e retificadas, eficientes na ligação entre as diversas regiões da cidade, com prédios de arquitetura imponente e novo porto de moderna tecnologia, transforma-se em metáfora da busca por um ideal que impulse o País rumo ao Progresso: “Na nova fase em que entra o mundo, (...) é que se há de resolver o problema essencial do Brasil e, posto um fundo de otimismo consolador nos anime, receamos a perspectiva ignorada, que nos levará ou não ao triunfo (AMERICA BRASILEIRA, 1922-7:11)”.

Elyσιο de Carvalho, contudo, alerta:

Não basta que clamemos patriotismo em hinos, discursos ou odes, mas precisamos que cada ato de cada brasileiro seja feito com confiança na sua eficácia o que nos habituará a agir sempre bem e o país, cujo esforço singular de cada um de seus filhos é benéfico, é uma grande pátria (IDEM, IBIDEM).

O advogado e escritor Lemos Brito, parte do mesmo princípio, no artigo *O Problema Vital* (AMERICA BRASILEIRA, 1922-7:12), valorizando a intrínseca ligação entre a educação e a democracia:

(...) nós precisamos realizar uma democracia de ação e de fatos; a primeira, dia-a-dia mais intensa, os segundos, dia-a-dia mais indestrutíveis e mais claros. Para realizar essa democracia devemos disseminar a instrução, sem a qual o povo não poderá compreender jamais o que é pátria, lei, autoridade (IDEM, IBIDEM).

Para Brito, a educação é instrumento fundamental para a assimilação do conceito de cidadania e, conseqüentemente, o fortalecimento da democracia:

(...) maior é a nossa deficiência do ponto de vista da educação democrática. (...) por meio de todos os órgãos de manifestações do pensamento, precisamos ensinar o respeito à liberdade, não como expressão vaga de inexpressivo teorismo, mas como um acervo de garantias e de direito que blindam a personalidade humana, o culto da pátria, nas suas tradições, nas suas glórias e conquistas, nos seus homens do passado e do presente, e, enfim, a solidariedade sem a qual a civilização abortaria (IDEM, IBIDEM).

Seu plano de ação não poderia ser mais atual:

Carecemos de reformar pela base o nosso conceito de sociedade e da vida. Fazer dos cargos públicos um posto de abnegação e de sacrifícios, nunca sinecuras para o ganha-pão sem esforço e sem trabalho. (...) Não exigir do poder público, senão aquilo que ele nos deve e nos pôde dar. Confiar em nós mesmos, nas nossas energias e valor, antes que na protecção e no amparo alheios. Amar nossa Pátria com desvello, servi-la com desinteresse, considera-la a melhor de todas as pátrias, não para o efeito da basofia e da fanfarronice, sim para a prática de actos que a garantam, a melhorem, a exaltem e a fecundem (IDEM, IBIDEM).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, André Nunes de. **A Reforma Pereira Passos: uma Tentativa de Integração Urbana**, Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago, 2003, pp. 39-79.

CARDOSO, Fernando Henrique. **O Sistema Oligárquico nos Primeiros Anos da República**. In FAUSTO, B. (org.). **O Brasil Republicano**, São Paulo: Difel, 1984, v. III.

FLORES JR., Wilson José. **Belazarte e os engodos da modernização brasileira: leitura da crônica O Diabo**, de Mário de Andrade *In* Revista Garrafa 23, jan. – mar. 2011, http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa23/wilsonflores_belazarteeosengodosda.pdf

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. **A Hora e a Vez do Progresso** - Cásper Líbero e o Exercício do Jornalismo nas Páginas d'A Gazeta. São Paulo, dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 1997.

LEMOS, Clarice Caldini. **O Nacionalismo na América Brasileira**: a questão da raça. In Anais do XXVII Congresso Nacional de História, Natal: Anpuh, 2013.

MOTA, Carlos Guilherme & CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S.Paulo** (1921-1981), São Paulo, Impres, 1980.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. **A Ilustração na América Brasileira**: entre a Tradição e a Modernidade. In Diálogos Latinoamericanos, n. 12, nov. 2007, pp. 42-67.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes & LEMOS, Clarice Caldini.. **Tal Brasil, qual América?** A América Brasileira e a cultura ibero-americana. In Revista Esboços, n. 19, 2008, pp. 163-176.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva **O Brasil de Getúlio Vargas e a Formação dos Blocos: 1930-1942** - O processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial, São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SINGER, Paul. **Interpretação do Brasil**: uma experiência história de desenvolvimento. In: **O Brasil Republicano**, São Paulo: Difel, 1984, v. III.

VELLOSO, Mônica. **A Modernidade Carioca na sua Vertente Humanista**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, pp. 269-278.

Periódicos

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.4, março/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.5, abril/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.6, maio/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.7, junho/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, n.8, julho/1922.

revista **América Brasileira**: Resenha da Actividade Nacional, Rio de Janeiro, Edição Especial do Centenário, n.9-12, ago.-dez./1922.

